

O SÍMBOLO DO "ÚLTIMO CIGARRO" EM A CONSCIÊNCIA DE ZENO

Carolina Massi Albanese *

1.1. Preliminares.

Na manhã do dia 13 de setembro de 1928, em uma limusine preta percorria a estrada de Treviso a Trieste, o industrial Ettore Schmitz. Ao ultrapassar a segunda ponte sobre o rio Livenza, chocou-se contra uma árvore. Levado ao hospital de Motta di Livenza, foi submetido a intervenção cirúrgica. Seu coração não resistiu. Na manhã seguinte, poucas horas antes de falecer, pedia ao médico um cigarro e, como ele lho recusasse, comentou com um sorriso: "Que pena! Este teria sido mesmo o último cigarro!".¹

Para compreender o significado e a sutil ironia contida nesta frase do industrial, é preciso ler seu romance *A consciência de Zeno*, traduzido em doze línguas e entre os mais representativos do século XX. Torna-se indispensável lembrar a importância do estudo recente feito sobre o romance por Eduardo Saccone,² e que tomamos como base para a nossa análise.

Uma Vida, o primeiro romance de Italo Svevo (pseudônimo usado por Ettore Schmitz na sua atividade de narrador) remonta a 1892; o segundo, *Senilidade*, leva a data de 1898. Os dois livros tiveram escassas recensões, poucos leitores; afinal, ficaram esquecidos. Em 1923, após vinte e cinco anos de aparente silêncio, isto é, de

1 Ver: SARASSO, Mário. *Il Novecento Italiano*. Torino, Paravia, 1972. p. 311
2 SACCONI, Eduardo. *Commento a Zeno*. Bologna, Il Mulino, 1973. 218 p.

* A autora é diplomada na Itália, onde nasceu, em Língua e Literatura Italiana, e Livre Docente pela Universidade Federal do Paraná, em 1974, com a tese *Il significato del Gattopardo*. Publicou vários artigos em revistas especializadas sendo que O teatro grotesco italiano do 1º novecentos no nº 23 da revista *Letras*. Atualmente, leciona, na condição de Auxiliar de Ensino, Língua e Literatura Italiana na Universidade Federal do Paraná.

atividade literária estritamente privada, Svevo publica um terceiro romance, *A consciência de Zeno*. Em 1925 e nos anos sucessivos, a crítica e o público percebem que Svevo é um escritor notável. A pergunta mais óbvia é: por que antes ninguém tinha percebido isso? A resposta mais óbvia é que Svevo, em seus romances, apresenta a imagem do homem que a nova narrativa procura; que seus romances são romances interrogativos.

Há um dado inicial na produção italiana do século XV, o da introversão, da investigação analítica, do tempo introspetivo que corrói a arquitetura contínua da forma tradicional, do diálogo interior que atenua a dimensão aparente do colóquio, do uso simbólico e obsessivamente subjetivo das coisas. Aquele dado comum inicial oferece a imagem de uma realidade desorganizada e contraditória. Emergem, assim, um novo espaço e uma condição inédita do trabalho literário, a investigação problemática toda aberta e experimental, do espaço subjetivo, da relatividade irreversível da consciência.³

1.2. A consciência de Zeno.

No romance encontramos dois níveis. No primeiro plano, temos uma construção aparentemente clássica, com os capítulos que se sucedem na ordem cronológica: "O fumo"; "A morte de meu pai"; "A história de meu casamento"; "A esposa e a amante"; "A história de uma associação comercial".

No segundo plano, aquela ordem banal do primeiro é revolvida: as diferentes situações se reunem, adquirem um significado. Apesar das partes do romance gozarem de uma autonomia relativa, são elas inextricavelmente ligadas ao todo. Contudo, essa ligação não deve ser interpretada como uma dialética em que as respectivas oposições sejam momentos sucessivamente superados e integrados, até a epifania conclusiva. Pelo contrário, cada momento, cada movimento não vai necessariamente adiante, não é único e irreversível, e pode ser repetido.

A consciência de Zeno é introduzida e encerrada, respectivamente, por dois documentos:

— A carta do psicanalista Doutor S.
————— } Início.

— O diário de Zeno, no qual se admite que o tratamento não deu resultado.
————— } Fim.

Devemos as memórias de Zeno ao convite feito por um psicanalista ao seu paciente. Está claro, portanto, que Zeno não narra a sua

3 Ver: DE CASTRI, Leone Arcangelo. *Il Decadentismo Italiano*. Bari, De Donato, 1974. p. 14

vida, não escreve sua autobiografia: narra, pelo contrário, a sua doença. Trata-se da descrição de uma doença que, como veremos, é bem mais que um caso clínico.

Desde o prefácio, Zeno se propõe analisar-sé e autocriticar-se, narrando as vicissitudes de sua vida. A tendência a análise neste romance é mais científicamente encaminhada, devido ao conhecimento que têm o autor e Zeno das teorias psicanalíticas. Assim, a autobiografia torna-se o meio de Zeno se reencontrar, pois o médico acredita que "com tal revocação o seu passado reverdeça, que a autobiografia seja um bom prelúdio à psicanálise"⁴.

Mas, ainda que se fale muito de psicanálise neste romance, temos que admitir que Zeno acredita mais na psicoterapia baseada na auto-análise do que naquela em que o médico tem carta branca para interpretar, às vezes erroneamente, as reações do paciente. Zeno é, portanto, ao mesmo tempo analista e objeto analisado: "O meu pensamento me aparece isolado de mim. Eu o vejo. Levanta-se, abaixa-se... mas é a sua atividade"⁵.

Zeno é agora um velho senhor ocioso e hipocondríaco, que se propõe relembrar as experiências da sua vida. Ele se submete ao médico, embora saiba desde o início que o tratamento não adiantará, e não consegue se abster do tom irônico que acompanhará todo o livro. Ouçamo-lo, por exemplo, quando procura relembrar sua primeira infância: "Imediatamente vejo uma criancinha, mas por que deveria ser eu? Não se parece absolutamente comigo e creio seja a criancinha que semanas atrás minha cunhada deu à luz...."⁶.

1.2.1. A consciência da doença.

De que doença sofre Zeno? O dado inicial está claro: concerne o saber, ou melhor, o "entender". Eis, de fato, a declaração de Zeno, ao falar de suas relações com o pai: "Recordo-me de tudo, mas não entendo nada"⁷.

Mais adiante, narrando a história de seu casamento, dirá: "Estou contando uma história que não conheço bem"⁸. O primeiro problema de Zeno é, portanto, a percepção de algo a menos, uma falha, uma ausência: de conhecimento certamente e de algo mais.

⁴ SVERO, Italo. *Romanzi. A cura di B. Maler*. Milano, Dall'Oglio, 1954.
v. 2, p. 549

⁵ Ibid., p. 550

⁶ Ibid., p. 551

⁷ Ibid., p. 623

⁸ Ibid., p. 720

1.2.2.0 O objeto do desejo.

Quase no fim do capítulo dedicado à morte do pai, Zeno exclama: "Ele estava morto e eu não podia mais provar-lhe minha inocência" ⁹.

A pergunta fica aberta: amou ou detestou seu pai? Desejou sua vida ou sua morte?

Palavras idênticas às acima citadas encontramos com respeito à ida definitiva de Ada para Buenos Aires: "Eis que ela nos abandonava e nunca mais eu poderia provar minha inocência" ¹⁰.

Quando Zeno casa com Augusta, a irmã de Ada, ele diz: "Talvez a ame.... É uma dúvida que me acompanha ao longo de minha vida" ¹¹.

E com respeito ao cigarro? Ama-o ou detesta-o?

A pergunta, a dúvida, reaparecem a cada relacionamento, para cada objeto de seu desejo.

Não raras vezes Zeno evidencia sua "cegueira". Aliás, o objeto do desejo parece ter consistência exatamente pelo fato de ser suposto portador daquilo que o sujeito não possui ou perdeu.

Por que Zeno vai ao analista? Que sabe o analista? Quem é o analista? O analista figura o ausente e representa o objeto amado ou detestado. O que o paciente vem procurar parece ser em primeiro lugar uma resposta, uma palavra plena, aquela que lhe foi negada ou não soube ou pôde ouvir de Ada, do pai ou de outros.

O capítulo sobre o fumo, particularmente onde Zeno procura encontrar a origem de seu vício, é o nascimento do desejo de Zeno e também de sua doença.

É sobremodo significativo que desde então a sua procura e a sua esperança levem à busca de alguém que lhe proíba ou permita algo: "Mais que para esperar milagres, corria àquelas sessões na esperança de convencer o médico a me proibir o fumo" ¹².

E aqui nos propomos a mesma pergunta: "Zeno ama ou detesta o cigarro?" Na realidade, ele ama e detesta o cigarro; afinal, não sendo o objeto de uma necessidade mas de um desejo, tanto mais é valorizado, quanto mais proibido pelo Outro.

1.2.3. Desejo e medo.

"Que eu tenha sido curado como o médico afirma?" ¹³, pergunta-se "repentinamente, com espanto" ¹⁴, o velho Zeno. Voltando ao

9 SVERO, p. 645

10 Ibid., p. 926

11 Ibid., p. 712

12 Ibid., p. 668

13 Ibid., p. 941

14 Ibid., p.941

capítulo do fumo, lemos que, com a idade de vinte anos, Zeno sofre de uma terrível dor de garganta:

Quando o médico me deixou, meu pai (minha mãe falecera há muitos anos), com um charutão na boca, ficou ainda por muito tempo para me fazer companhia. Ao ir embora, após passar suavemente a mão na minha testa muito quente, disse-me: — Não fume, entendido? — Sobreveio-me uma inquietação enorme. Pensei: "Já que me faz mal, não fumarei nunca mais; contudo, quero fazê-lo pela última vez". Acendi um cigarro e me senti logo livre do medo de que a temperatura talvez subisse e a cada tragada sentisse nas amígdalas uma ardência, como se tivessem sido tocadas por um tição ardente. Terminei todo o cigarro com o cuidado com que se cumpre uma promessa. E, sempre sofrendo terrivelmente, fumei muitos outros durante minha doença. Meu pai ia e voltava com seu charuto na boca, dizendo-me: — Muito bem! Mais um dia de abstenção do fumo e estará curado! — Bastava esta frase para me fazer desejar que ele fosse embora logo, logo, para que eu pudesse correr ao meu cigarro.¹⁵

É significativo, também, transcrever a fábula do passarinho, encontrada no texto em questão:

A fábula falava de um passarinho o qual percebeu que a portinhola de sua gaiola ficara aberta. No início, pensou em aproveitar para fugir, mas depois mudou de opinião temendo que durante sua ausência a portinhola se fechasse e ele perdesse a liberdade.¹⁶

Luciano, o empregado, ri mas não entende: "Riu depois também por complacência, quando lhe foi explicado que o passarinho temia ser privado da liberdade de voltar à gaiola".¹⁷

É evidente, Zeno tem medo (como o passarinho) não da liberdade, mas sim que lhe venha a faltar o desejo.

Expressivo é o procedimento adotado por Zeno para evitar a cura do vício do fumo, no momento em que se deixa internar na clínica do Doutor Muli: uma fuga da morte do desejo!

Relevante também é o fato de que Zeno, quando jovem, escreve nas paredes do quarto as datas dos acontecimentos mais marcantes de sua vida, acompanhadas invariavelmente do propósito de acabar com o vício do fumo:

15 SVERO, p. 605

16 Ibid., p. 850

17 Ibid., p. 850

As datas nas paredes do meu quarto eram impressas com as cores mais variadas e também a óleo. Seu propósito encontrava adequada expressão na força da cor, que devia fazer empalidecer aquela dedicada ao propósito anterior.... Encerra um ritmo, pensando bem, porque cada data nega a precedente¹⁸.

Toda ruptura, toda separação é temida e o mais possível evitada. Zeno tem medo de ser privado de seu desejo.

O pai também era indispensável para Zeno: "Morto ele, não havia mais um "amanhã" em que colocar meu propósito"¹⁹.

Quando a "saúde atroz"²⁰ da esposa Augusta lhe dá a impressão de estar em plena convalescência, "isto é, bem perto de uma vida normal"²¹, Zeno inventa um rival: o ciúme permite que ele evite a morte do desejo.

Voltando ao capítulo do fumo, sobremodo significativo é o comentário amargo de Zeno: "Agora que estou velho e que ninguém exige nada de mim, passo, contudo, de cigarro a cigarro e de um propósito a outro"²².

1.2.4. A lógica da substituição.

"É preciso mexer-se. A vida tem venenos, mas também outros venenos que servem de contravenenos. Somente correndo podemos esquivar dos primeiros e nos beneficiar dos outros"²³.

Para que Zeno conserve seu desejo, é necessário que nenhum evento seja definitivo, imutável. Assim como um cigarro substitui o outro, Augusta substituirá Ada e Carla substituirá Augusta. Assim, o pai de Zeno, uma vez morto, será substituído pelo psicanalista.

Esta oscilação insistente e aparentemente contraditória nos demonstra que o "progresso" é o movimento, mais do que a direção.

A doença é a vida, o desejo humano perenamente insatisfatório, constantemente ameaçado de restabelecimento-morte.

Mas, comenta Zeno: "Diversamente das outras doenças, a vida é sempre mortal. Não suporta tratamentos"²⁴. A luta de Zeno está, portanto, em um outro plano: não se trata de vencer, mas de adiar, retardar a vitória da morte.

18 SVERO, p. 630

19 Ibid., p. 622

20 Ibid., p. 725

21 Ibid., p. 858

22 Ibid., p. 858

23 Ibid., p. 850

24 Ibid., p. 954

1.3. Conclusão.

Podemos representar quanto foi dito com o seguinte esquema:

RESPOSTAS	PERGUNTAS
A consciência da doença?	Percepção de algo a menos, uma falha, incapacidade de compreender o sintoma neurótico. Consciência angustiosa e recusa de morrer.
O objeto do desejo?	Uma resposta do Outro: uma proibição.
Desejo e medo?	Vontade de ter o desejo insatisfeito. Medo que o desejo venha a ser satisfeito.
A lógica da substituição?	Substituição dos objetos do desejo: O "progresso" é o movimento.
= A doença é a vida. A vida é dada pelo desejo insatisfeito. O desejo insatisfeito é dado pela proibição. A proibição garante a ação. A ação não vence, mas adia a morte.	

REFERÉNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE CASTRIS, Leone Arcangelo. *Il Decadentismo Italiano*. Bari, De Donato, 1974. 262 p.
- SACCONE, Eduardo. *Commento a Zeno*. Bologna, Il Mulino, 1973. 218 p.
- SARASSO, Mario. *Il Novecento Italiano*. Torino, Paravia, 1972. 818 p.
- SVERO, Italo. *Romanzi*. A cura di B. Maier. Milano, Dall'Oglio, 1954. v. 2

Resumo

Zeno não narra a sua vida mas sim, cônscia e inconscientemente, a sua doença.

A origem da doença está na origem do vício do fumo. Daí em diante, Zeno tentará inconsistentemente achar alguém que lhe proíba o fumo. Quando jovem, escreve nas paredes do quarto as datas dos acontecimentos mais marcantes de sua vida, acompanhadas invariavelmente do propósito de acabar com o vício do fumo. Para ele, isso tem um ritmo próprio, porque cada data anula a precedente. Significativo é o procedimento de Zeno que, para evitar de ser curado, se faz internar em uma clínica. A proibição do cigarro é um estímulo à ação. A ação é adiar a morte.

Riassunto

Dobbiamo le memorie di Zeno all'invito di uno psicanalista. Zeno non narra la sua vita ma sì, consapevolmente e inconsapevolmente, la sua malattia.

L'origine della malattia è da incontrarsi nell'origine del fumo. D'allora in poi, Zeno tenterà insistentemente di trovare qualcuno che gli proibisca di fumare. Da giovane segna le pareti della stanza con le date dei fatti più salienti della sua vita, accompagnate invariabilmente dal proposito di smettere di fumare. Per lui, ciò ha un suo ritmo perché ogni singola cifra nega la precedente. Significativo il procedimento di Zeno che, per evitare di guarire, si fa rinchiudere in una clinica.

La proibizione della sigaretta è uno stimolo all'azione. L'azione è ritardare la morte.